

CARTA AOS TEÓLOGOS DO TERCEIRO MUNDO E À ASETT

Irmãs e irmãos:

Queremos anunciar-lhes o que temos visto e ouvido (1 Jn 1,3) estes dias em Quito, durante a "II CONSULTA ECUMÊNICA: CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA À TEOLOGIA CRISTÃ".

Durante uma semana, um grupo de pastores e teólogos escutamos representantes de 30 etnias e nacionalidades indígenas e alguns representantes dos povos afro-americanos do Continente.

Eles nos fizeram - dentro da fecunda experiência destes dias - participantes da tenaz afirmação e defesa de sua identidade, expressada:

- em suas heróicas lutas pela terra, que é mãe e é eixo central de suas teologias. Isto aparece também para nós como ponto de partida pastoral e teológico;

- em seus profundos sistemas de ritos e crenças, que são uma Boa Nova e, concretamente para nós, um desafio frente à compreensão da verdade;

- em sua vida comunitária, suas etnias e formas de organização, que constituem fatores radicais na construção da Igreja e na luta libertadora dos pobres;

- em seus projetos históricos que acrescentam novos perfis à utopia de todos os povos.

Com firmeza, carinho e solidez teológica, os indígenas criticaram as Igrejas no sentido de que muitos cristãos não fizemos nossa a causa indígena. E mais, insistiram no fato da invasão, genocídio e etnocídio de milhões e milhões de habitantes destas terras e a posterior consolidação de uma sociedade colonial. Em tudo isto sublinharam o pecado histórico das Igrejas.

De nossa parte, constatamos que os preparativos para a comemoração dos 500 anos são objeto de todo tipo de manipulações. Da mesma forma consideramos que são 500 anos de resistência por parte das populações indígenas, de afirmação de sua identidade e, junto a isso, de atitudes solidárias e até martírio por parte de alguns sacerdotes das Igrejas.

Reconhecemos que, ao lonto destes séculos, inclusive no presente, nós, teólogos, temos sido cúmplices deste grande pecado histórico, em uns casos por omissão, em outros por legitimação teórica e, em todos os casos, por destruição de suas religiões, com as quais sustentavam sua resistência frente à opressão. Parte deste pecado é nossa incapacidade para aplicar os princípios de liberdade religiosa, que postula-

mos em lugares onde somos minoria, a lugares, como estas terras americanas, onde temos hegemonia. Não é justo nem cristão, em consequência, que, por este motivo, os indígenas tenham de fazer suas práticas religiosas clandestinamente.

Dentro deste contexto nos demos conta de que nós mesmos pensamos as categorias de cristão e Igreja mas demasiado atadas a determinadas expressões culturais e inclusive racistas.

Demos graças a Deus por sua obra de salvação nos povos indígenas, fora das mediações cristãs ocidentais. Do mesmo modo reconhecemos como estes povos indígenas e afro-americanos organizaram sua fé e sabedoria e vemos necessário que a partir delas continuemos fazendo teologia.

São incontestáveis os avanços da Teologia da Libertação, sobretudo em sua ligação com as lutas e esperanças dos setores oprimidos mais ocidentalizados. Mas honestamente vemos a exigência para nós e para vocês de que a reflexão teológica está seriamente articulada aos povos indígenas e afro-americanos e à mulher, sempre presente com sua luta e sabedoria na história da América Latina. Estas são tarefas prioritárias em nossa ação e reflexão.

Finalmente, fazemos quatro propostas concretas:

1. Que a ASETT apóie encontros de sábias e sábios indígenas e afro-americanos, segundo as necessidades e características específicas de uns e outros, como também o intercâmbio e a difusão de sua produção.
2. Que a ASETT destine pessoal e recursos para avançar na releitura teológica das realidades anotadas nesta carta.
3. Que continuem dialogando, em momentos e lugares determinados, as sábias e os sábios já mencionados, com vocês e conosco.
4. Que a ASETT apóie as propostas dos povos indígenas e afro-americanos frente às Nações Unidas e outros organismos, por ocasião dos 500 anos.

Estas são exigências mútuas, marcadas pela hora da urgência. E a iminente celebração dos 500 anos é uma excelente conjuntura para nos lançarmos imediatamente à tarefa.

Quito, 6 de julho de 1986

(as): Diego Irarrázaval, Hugo Ortega, José Comblin, Marcos Rodrigues da Silva, Luís Zambrano, Paulo Suess, Xavier Albó, Geoffrey James Dornan e Raúl Vidales.